SEGUINDO OS PASSOS DE GRACILIANO RAMOS EM *CAETÉS*

FOLLOWING THE STEPS OF GRACILIANO RAMOS IN CAETÉS

Jalon Nunes de Farias*
Ana Paula Morais da Silva**

RESUMO: o presente artigo busca traçar novas observações e impressões das características da cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, no Nordeste brasileiro, especialmente levando em conta as peculiaridades apresentadas pelo romancista Graciliano Ramos, no seu primeiro romance, *Caetés*; deste modo, buscamos re-fazer os itinerários que eram realizados pela principal personagem, Valério, e também narrador, no romance, e reforçar a coesão social, inerente ao constitutivo da memória, da lembrança e da identidade individual e coletiva.

Palavras-chave: Literatura; memória; *Caetés*; Graciliano Ramos.

ABSTRACT: this article trees do take new observations and impressions about the caracteristics of Palmeira dos Índios city, in Alagoas, in the Northeast, Brazil, emphasizing the caracteristics presented by the writer Graciliano Ramos, an his first book, *Caetés*. By this way, we try to remake the routes of the main personage, Valério, who was also the narrator, and to reforce the social cohesion, present in the memory and individual and coletive identity.

Keywords: Literature; memory; *Caetés*; Graciliano Ramos.

> Caetés é fonte que fala, traz consigo a marca de seu tempo e que nos conta sobre uma Palmeira dos Índios de outrora. É fonte que revela nas suas entrelinhas aspectos únicos desta cidade e do tempo em que o romance foi escrito. (LEITE, 2007, p. 59).

Fizemos questão de citar a epígrafe acima porque também pensamos ser o romance *Caetés* uma importante fonte histórica sobre as características da cidade de Palmeira dos Índios - AL. Antes de tratar do nosso itinerário feito por ruas mencionadas em tal romance, é importante explicitar suas principais características. De acordo com Leite (2007) o romance aborda a cidade de Palmeira dos Índios no período compreendido entre 1925 e 1933 - o que corresponde à época em que o texto foi

* Licenciado em Filosofia, pela FACESTA; graduando em Serviço Social, pela UFAL.
** Graduanda em Serviço Social pela UFAL e colaboradora em projetos de extensão.

revisto, mais precisamente entre 1928 e 1930, ou seja, oito anos de espera até ser lançado, uma vez que foi publicado somente em 1933. Ficção escrita em primeira pessoa, confere ao personagem Valério característica de narrador, cujo entrelaçamento dá-se em todas as situações descritas no romance, inclusive sendo parte de um triângulo amoroso. O romance não esclarece a real data do acontecimento narrado, entretanto, tudo leva a crer que a trama se desenvolve na década de 1930.

Mais do que uma mera visão geográfica da cidade, Graciliano Ramos (1976), especialmente através da personagem Valério, evidencia o modo de vida de habitantes palmeirenses, os principais acontecimentos e as sensibilidades próprias daquela época:

> Palmeira dos Índios 'cores', 'movimentos', 'odores', 'sons' que se configura na sociedade palmeirense apresentada pelo romance, a relação entre sujeitos, no caso do livro, as personagens, e sua relação com os locais públicos e privados. Valério nos indica lugares que no início da noite estão cheios de gente, mas que chegada hora da missa esvaziam-se. (LEITE, 2007, p. 41).

Sendo o romance fruto de uma atividade intelectual e ficcional em que há a mescla na narrativa de elementos da memória do cotidiano da cidade com elementos imaginativos proporcionados pela ficção, cabe aos leitores mais atentos fazer um trabalho de re-encontro e re-memorização, no ato da leitura, para apreender as peculiaridades da cidade e as devidas mudanças, que ocorreram orientadas pela dinâmica da realidade e pela presença constante dos símbolos e signos individuais e coletivos.

Neste romance de Graciliano Ramos há uma ligação estreita com as questões referentes à memória – memória que é construída pela Pena de Graciliano Ramos e que perpassa escritos e acontecimentos, pois, uma vez que a história foi contada, várias outras surgem na lembrança e nas interpretações, recriando a narrativa. E quando Pollack (1992) explicita que a memória é construída por pessoas e personagens, retornamos a *Caetés* e percebemos que as ruas citadas passam também a ser personagens para contar a história da cidade naquele dado momento.

> A nova história cultural interessa-se pela subjetividade na história e pela constatação da presença do sujeito na construção da obra de Graciliano Ramos. Com suas questões pessoais a personagem leva o leitor a uma viagem dentro de seu "eu" e pela sociedade palmeirense de outros tempos, realçada pela presença marcante dos lugares e das ruas da cidade, de tal forma que Palmeira dos Índios se erige personagem. (LEITE, 2007, p. 17).

Ao se falar em imaginação, lembramos das considerações de teóricos gregos da Antiguidade que estudaram e apresentaram questões inaugurais e pertinentes sobre memória. E o que esta tem a ver com a imaginação? É que, de acordo com Smolka (2000, p.117), citando Aristóteles, "três elementos são relevantes para a existência da memória: as sensações e o afeto, a imaginação e o tempo". Para fazermos aquele "percurso" realizado pela personagem Valério, em *Caetés*, procuramos andar pelas

ruas da cidade, visitar monumentos e referências dadas pela narrativa de Graciliano Ramos buscando apreender as formas e modos, os movimentos e as características peculiares de cada espaço registrado pela ficção, sempre nos reportando ao passado remontado pelo escritor alagoano e registrado nos dias atuais através do uso da fotografia.

A memória, portanto, se constitui de maneira individual ou coletiva e se expressa através dos monumentos, do patrimônio arquitetônico, das paisagens, das datas e personagens históricas, das tradições, dos costumes, de certas regras de interação, do folclore, da música e das tradições culinárias; mas essencialmente por pessoas e personagens; e finalmente, a memória é um fenômeno socialmente construído e proporcionador de um sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, garantindo "assim uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos" (POLLACK, 1989, p. 7-8).

Sobre os elementos que guardam e externalizam a memória, anteriormente citados, podemos constatar a presença de muitos deles no romance *Caetés*: paisagens, monumentos e locais específicos, isto é, estruturas arquitetônicas estão explícitas no romance e dão conta de uma cidade que vivia sua particularidade, porém tendenciada por influências externas, especialmente da então Capital da época, o Rio de Janeiro, da qual o autor fala quando cita a festa de carnaval e a inclusão do futebol - aspectos que, segundo Graciliano Ramos, defendem-nos do estrangeirismo, especialmente no que diz respeito ao esporte.

Nesse sentido, é importante destacar que nosso interesse pela discussão da memória se deu em fins de 2009 quando começamos a colaborar com um projeto de extensão cujo objetivo maior é o de resgatar a memória visual da cidade de Palmeira dos Índios-AL. De posse da ficção *Caetés,* iniciamos nosso trabalho de campo revisitando logradouros e espaços físicos descritos por Graciliano Ramos no referido romance, a fim de rememorar e apreender as características das ruas e dos locais mostrados por Valério, em *Caetés*. De acordo com Pollak (1992, p.2-3), tal experiência revitalizou nossa memória, permitiu-lhe estar em condição explícita ao ser lembrada e imaginada através dos "acontecimentos e das personagens; e, em segundo plano, os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico".

Valério trafegava por muitas ruas da cidade de Palmeira dos Índios, por lugares específicos como: bar, praças, estabelecimentos comerciais, igreja, casa de particulares etc.; também estava direta ou indiretamente envolvido em festas, tais como: os eventos políticos da cidade, as comemorações inerentes à igreja, festa de Natal etc. Especialmente nas ruas citadas inúmeras vezes no decorrer da trama, algumas delas genuinamente citadas, sem fantasia ou imaginação, outras forjadas pela criatividade do literato. Atualmente, ainda é possível encontrar logradouros, praças e bairros com os mesmos nomes descritos por Valério, tais como a Praça da Independência, a Praça São

Pedro; os bairros da Cafurna e Ribeira, as ruas: Marechal Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto.

Nós iniciamos nosso roteiro pela Rua do Pinga-Fogo (foto 1, em anexo), na qual Valério menciona ao falar dos foguetes a queimar, quando havia festa na igreja: "encaminhei-me à igreja. Ao galgar os degraus, onde mendigos esperavam o regresso da procissão, vi subirem foguetes no Pinga-Fogo" (RAMOS, 1976, p. 131).

E noutro momento do romance:

> E a cidade, que divisei embaixo, por uma aberta entre os ramos, era como o tabuleiro de xadrez de Adrião, com algumas peças avultando sobre a mancha negra dos telhados; as duas igrejas, o prédio da usina elétrica, tetos esquivos de chalés, o casarão de Vitorino atravancando o Pinga-Fogo, coqueiros esguios, o cata-vento. (RAMOS, 1976, p. 179).

Nesta última passagem destacada de *Caetés*, nós verificamos que pode se ter uma visão panorâmica da cidade, bastante peculiar e encantadora, caso se encontre pelos lados da igreja (Catedral) ou acima dela, no Alto do Cruzeiro, de cujos pontos observamos a cidade se estendendo planície afora.

Atualmente a antiga Rua Pinga-Fogo é chamada de Rua José Pinto de Barros e abriga uma boa quantidade de elementos arquitetônicos, ou seja, lugares da memória e também moradores que atravessaram o século como residentes desta cidade, logo, verdadeiros portadores de história de vida. Talvez por capricho do destino, nesta mesma rua morou Graciliano Ramos, o escritor de *Caetés*, de *Vidas Secas*, de *Angústia*, de *São Bernardo* e de outros tantos clássicos da literatura brasileira. Ali se encontra, atualmente, um dos pontos turísticos da cidade de Palmeira dos Índios, a Casa-Museu Graciliano Ramos (Foto 2, em anexo), onde residiu o ilustre escritor e sua família; o antigo Aero-Clube (espaço que era reservado para comemorações e realização de bailes na cidade), uma igreja evangélica tradicional, um hotel de hospedagem, uma associação comunitária e alguns casarões com fachadas ainda preservadas. Na escrita do romance esta é uma rua pouco frequentada pela personagem Valério, porém bastante citada quando se refere aos outros personagens e acontecimentos, isso porque as andanças de Valério davam-se mais pelas bandas do miolo da cidade.

Para realizar nosso passeio poético-memorialístico, convidamos um entregador local de cartas, logo, um grande conhecedor das ruas da cidade, a fim de nos ajudar a re-fazer o percurso e descobrir o nome das ruas citadas por Graciliano Ramos em seu primeiro romance e suas eventuais mudanças. A lógica era, não necessariamente trafegar pelas ruas e pelos locais citados na ordem que aparecem no romance, mas sim, por aproximação, isto é, houve percursos em que uma rua tinha ligação direta com outra e nós a exploramos na sequência, sem nos perguntar em que momento ela estava sendo citada em *Caetés* - mesmo porque a personagem não fazia uma trajetória linear pelas ruas da cidade, do contrário, como todo cidadão citadino, em determinado momento estava numa rua, ora noutra, conferindo certa dinâmica ao desenrolar da narrativa e proporcionando a personagem um relacionamento com o urbano e com os demais indivíduos.

Foi assim que, depois de sairmos da Rua Pinga-Fogo, nós adentramos a Rua de Baixo (Foto 3, em anexo), na qual a personagem Valério trafegou certo dia, quando ia para a pracinha e posteriormente para a Pernambuco-Novo. "[...] À entrada da Rua de Baixo fiquei dez minutos vacilando. Fui à Redação da Semana. Fechada [...]" (RAMOS, 1976, p. 115).

Na atual conjuntura a Rua de Baixo chama-se Major Cícero de Góes Monteiro; é uma rua pequena e bastante movimentada, uma vez que abriga um Banco e tem um ponto de transporte para a zona rural do município, através das caminhonetes; um mini-shopping, a Academia Palmeirense de Letras e Artes – APALCA e uma rádio FM, dentre as casas de residentes.

Após uma longa manhã de fotos, já eram três horas da tarde e o sol batia quente, inclinando sua luz e abrasando tudo com um calor tremendo, comum ao agreste de Alagoas. É bom lembrar que poucas vezes Ramos (1976) fala desse clima típico do Nordeste, logo, costumeiro em Palmeira dos Índios, por causa de uma cultura notívaga das pessoas, o hábito do encontro à noite, a fim de discutirem assuntos políticos e tomarem chá (inclusive, evidenciado no romance). Também eram comuns as visitas à casa do patrão, como remonta o personagem Valério: "Voltei. Às quintas e aos domingos lá ia encontrar os mesmos indivíduos discutindo os pequenos acontecimentos da cidade, tão constantes que a ausência de um deles prejudicava a harmonia do conjunto" (p. 57). O narrador de *Caetés* fazia questão de explicitar certa rotina dele, Valério, enquanto empregado, costumeiramente ter que ir tomar chá e trocar conversas com seu patrão e com os demais personagens da cidade, ligados à política, à religião, ao comércio etc.

Foi então que nós nos dirigimos para a Rua Boca de Maceió (Foto 4, em anexo), como era conhecida à época que o romance foi escrito, e, atualmente, chamada Rua Clodoaldo da Fonseca. Esta tem uma ligação com a atual Praça das Casuarinas (espaço para eventos públicos a céu aberto) e antigamente era por ela que se rumava para a capital do Estado, Maceió, daí o nome Boca de Maceió. Esta é uma rua muito extensa e é cortada pela antiga linha férrea.

Subimos, dobramos pela esquina à direita e chegamos à Rua da Alegria ou Rua do Melão (Foto 5, em anexo), atualmente denominada de Rua João XXIII, e conhecida por Rua Vigário Maia. Esta rua parte da Praça Monsenhor Macedo e vai até outro ponto da linha férrea. Num determinado momento da narrativa, Valério trafega por esta rua e pelo bairro da Ribeira - bairro que mantém o mesmo nome até os dias atuais: "subimos a Rua do Melão. Lá para o caminho da Ribeira ouvimos rumor de vozes. Aproximamo-nos. Eram cantos, rezas, choros, ladainhas – uma sentinela de defuntos" (RAMOS, 1976, p. 40). Também por sua proximidade com a igreja, era comum nesta rua a pirotecnia: "agora os foguetes estouravam no Melão. Os sinos repicaram. Bandos apressados desembocaram das ruas vizinhas e invadiram a igreja, em busca dos melhores lugares" (p. 132).

Chegamos então a Praça Monsenhor Macedo, que tem como paisagem arquitetônica e símbolo religioso a atual Catedral Diocesana, a casa do bispado e o

convento das Irmãs Franciscanas de Santo Antônio. No lado oposto havia o Montepio, um antigo clube da cidade, que promovia bailes, dentre outras atrações – atualmente temos apartamentos construídos em seu lugar.

Subimos à esquerda da Catedral, que impera no meio da serra acima, e chegamos ao alto dos Bodes (Foto 6, em anexo), conforme descreveu Graciliano Ramos: "subimos o alto dos Bodes, Isidoro Pinheiro deitou fora a ponta do cigarro, deu um trambolhão, agarrou-me um braço e berrou: - Que lembrança a sua de vir passear, com uma noite assim, neste inferno!" (p. 33); a personagem Isidoro reclamava com razão, à época a rua era de terra e possuía muitos buracos, principalmente por tratar-se de uma subida (ou descida) muito íngreme e acidentada. Atualmente chama-se de Alto do Cruzeiro – o nome "Alto do Cruzeiro" parece se dever a dois fatos principais: primeiro, de caráter geográfico, diz respeito à altitude do relevo, pois do ápice tem-se uma boa vista da cidade e das demais montanhas que a circundam; e o segundo, de cunho religioso, porque foram fincados neste alto e em outras montanhas que circundam a cidade, alguns cruzeiros (cruzes feitas com madeira de lei, em tamanho considerável): iniciativa do então Vigário Maia. Segundo Cavalcante (2006, p.07), este vigário temia que o mundo viesse a se acabar na virada do século: "Na virada do século XIX, em meio à paranóia do fim do mundo, o Vigário Maia mandou plantar um cruzeiro em cada montanha que circunda Palmeira dos Índios, a fim de proteger a cidade de uma eventual destruição. Nada aconteceu, e os cruzeiros ainda permanecem em algumas Serras, como Goiti, Candará, Alto do Cruzeiro, Serra da Mandioca, entre outras". Á luz do dia o Alto do Cruzeiro parece ser calmo, com pessoas e famílias inteiras à porta das casas; porém, sabe-se que hoje este bairro tornou-se um dos mais violentos da cidade, com alto índice de desemprego e exclusão social. Para fechar a cena de nossa visita, encontramos ali, talvez por capricho, um bode que caminhava e comia algumas gramíneas, nascidas entre as pedras do calçamento ou talvez para justificar o nome antigo desta rua.

Depois contornamos o ápice desta rua e descemos à direita da Catedral para chegarmos à antiga Igreja do Rosário, hoje Museu Xucurus, e a antiga Rua de Cima, atualmente Rua Moreira e Silva. Em tempos remotos, ao largo da Praça Xucurus, onde se localiza o Museu homônimo, tínhamos uma igreja com chafariz à sua frente, cuja água potável era distribuída a toda à população de Palmeira dos Índios. Quando explicita algo sobre o pedaço de terra denominado xucuru, o que motivou o nome da Praça, Graciliano Ramos aborda temáticas referentes à perda da terra por parte dos índios, para os brancos – inclusive, usava inspirações destes acontecimentos para elaborar o seu romance, *Caetés*, principal produção bibliográfica da personagem Valério e o que iria lhe conferir certa emancipação e reconhecimento, enquanto escritor. Assim, podemos observar:

> Para os lados do Xucuru, meia dúzias de luzes indecisas, espalhadas. Aquilo há pouco tempo era dos índios. Outras luzes na Lagoa, que foi uma taba. No Tanque, montes negros como piche. Ali encontraram, em escavações, vasos de barro e pedras talhadas à feição de meia-lua. Negra

> também, a Cafurna, onde se arrastam, miseráveis, os remanescentes da tribo que lá existiu. (RAMOS, 1976, p. 217).

Citado em *Caetés,* a Cafurna (Foto 7, em anexo) é um bairro que preserva o nome até os dias atuais; assim como mencionou o escritor alagoano, esse bairro ainda mantém uma população carente de serviços básicos, acessibilidade e integração social, vitimizada pela má distribuição de renda e por uma dívida histórico-social de exploração e ausência de emancipação. Os vasos de barro e pedras talhadas à feição de meia-lua ainda existem e estão guardados no Museu Xucurus, dentre tantas outras peças de origem indígena e artefatos doados por antigos moradores da cidade, retratando a luta, história e memória dos moradores da Cafurna.

Dali nós tornamos a subir e depois inclinamos ladeira abaixo para chegarmos a uma das ruas mais comentadas pelo referido escritor, logo bastante frequentada por Valério e seus conterrâneos da época: a Pernambuco-Novo, que fica no Centro. Porém, o entorno da Pernambuco-Novo era cognominado de bairro das meretrizes - por causa dos bordéis presentes nesta rua. Vejamos uma passagem: "e, à luz do fósforo, surgiram à direita, calçadas altas e desiguais. À esquerda, entre sombras confusas de arvoredos, a mancha negra do açude avultava. Formas vagas, cheiro de aguardente, injúrias obscenas, sons de pífano" (RAMOS, 1976, p. 33). Portanto, esta rua é um verdadeiro lugar de memória guardada e traz consigo também a marca da prostituição. Atualmente a Rua Pernambuco-Novo é denominada de Rua Chico Nunes, homenagem feita a um poeta "maldito" que nascera e morrera em Palmeira dos Índios. A antiga área das meretrizes ainda preserva um bar tradicional que faz lembrar momentos semelhantes àqueles da década de 1930; também foi à entrada da Rua Pernambuco-Novo que Valério menciona um automóvel estacionado: expressão do moderno e do arcaico, conviventes ainda nos dias atuais: "olhei a rua. À entrada do Pernambuco-Novo um automóvel parado atravancava a passagem. Uma carroça de lixo, vagarosa, rodava. Ao longe o arrebalde da Lagoa surgia em miniatura [...]" (RAMOS, 1976, p. 96). Se nós refletirmos um pouco sobre a Lagoa, que Valério menciona algumas vezes, trata-se do atual açude, que dá nome a então Praça do Açude. Noutro momento, Valério se preocupa com a presença das pessoas que ficavam à entrada do Pernambuco-Novo, excepcionalmente quando ele decidia entrar no casarão, à Rua dos Italianos (Foto 8, em anexo):

> Andei a vagar pelas ruas. Irresistivelmente atraído, cheguei-me ao casarão dos Italianos. Fiquei de longe, rondando, com uma angústia desconhecida, o vago receio de que alguém me visse entrar. Talvez os vultos esquivos, freqüentadores do Pernambuco-Novo, julgassem que ia satisfazer necessidades torpes como as deles. Estremeci, indignado com uma comparação tão absurda. (RAMOS, 1976, p. 155).

Graciliano Ramos cita ainda a Padaria da Esquina, hoje o Bar Comercial, na Praça da Independência; e o Quadro, na verdade, o antigo nome dado a Praça da Independência. Valério ratifica: "dei uma volta lenta na praça. Da Rua Floriano Peixo-

to, dos Italianos, da Travessa da Cadeia, dos dois buracos que vão ter ao Pernambuco-Novo, escuros magotes afluíam. Na padaria da esquina roceiros, encostados ao balcão, enchiam as algibeiras" (1976, p. 112). E mais: "a Rua dos Italianos estava deserta. Quando atravessei a Praça da Independência, o antigo Quadro, também deserto, a campainha do cinema começou a bater. Demorei-me à esquina da padaria, vendo um cartaz encostada a um poste" (p. 28). Estas ruas, por ele trafegadas estão bem próximas umas das outras, bem no Centro da cidade de Palmeira dos Índios, de modo que estar numa e depois noutra não é tarefa difícil, mesmo porque algumas delas estão fisicamente interligadas e visíveis. Quanto à Praça da Independência (Foto 9, em anexo) trata-se de uma das mais importantes praças da cidade, principalmente por sua localização. É atualmente ladeada por um hotel para hospedagem, pela Câmara de Vereadores e pela Prefeitura Municipal e algumas Secretarias do Município, além de inúmeros pontos comerciais e algumas residências. Em determinado momento festivo da cidade, Valério refere-se à multidão de pessoas que ocupavam o Quadro e de lá se dirigiam, geralmente para a missa, na atual Catedral Diocesana: "deixei-me levar pela multidão, sem saber se ia para a missa ou para a forca. O Quadro se esvaziava, toda a gente subia para a igreja. Ao chegar à Rua de Cima, estanquei, despedi-me" (RAMOS, 1976, p. 120). Historicamente a Praça da Independência já foi usada para a feira livre da cidade e para muitos eventos culturais.

Nós também demos uma volta no Quadro, tal como, por várias vezes, fez a personagem e chegamos igualmente à Rua de Cima (Foto 10, em anexo) – hoje, como dissemos antes, Rua Moreira e Silva -, na qual lembra Valério em certa ocasião: "à entrada da Rua de Cima bordejava o Doutor Juiz de Direito, cambaio. À esquina da Praça da Matriz avistei D. Emiliana Teixeira, a Teixeira velha, magríssima e coberta de sedas" (RAMOS, 1976, p. 113). Após fotografar algumas particularidades da Praça da Independência, descemos até a Rua Floriano Peixoto, cujo nome não se alterou desde que fora mencionada em *Caetés*. Nela também há uma Agência Bancária, livrarias, farmácias e outros pontos comerciais e poucas residências. Diz Valério: "ao passar pela Rua Floriano Peixoto, achei conveniente embriagar-me: subi ao Quadro, fui ao Bacurau e pedi conhaque. Bebi um cálice, pedi outro, pedi o terceiro. Acendi um cigarro e esperei o efeito do álcool. [...] Bebi o último cálice, levantei-me e enfiei pela Rua de Cima" (RAMOS, 1976, p. 179).

Descendo pela rua da Catedral chegamos à Rua Marechal Deodoro da Fonseca, ou simplesmente Rua Deodoro (Foto 11, em anexo), pela qual Valério fazia por vezes, até entrarmos à esquerda e encontrarmos a Travessa Luiz Silveira - uma rua acima da Rua de Baixo. Valério, por exemplo, enquanto aguardava a hora da missa, andou por estas e outras ruas mais próximas:

> Desci a Rua Deodoro. Com que me ia ocupar até a hora da missa? Tirando a missa, não havia nada que prestasse. À entrada da Rua de Baixo fiquei dez minutos vacilando. Fui à Redação da Semana. Fechada. Adiantei-me até a Boca de Maceió. Voltei, andei à toa pela cidade, para matar o tempo. Entrei no Pinga-Fogo, estive quinze minutos sentado

> num monte de dormentes. Às dez horas achava-me defronte a usina elétrica, observando através das grades, o motor. (RAMOS, 1976, p. 115).

A Travessa Luiz Silveira, à época do romance, era denominada de Travessa da Cadeia; sobre ela mencionamos anteriormente o exato momento em que Valério esteve por lá. A antiga cadeia, nesta rua, tornou-se ponto comercial, mas o local hoje em dia está desativado. Sobre o jornal "A Semana", para o qual Valério contribuía com artigos, deduzimos tratar-se de uma analogia e/ou inspiração no jornal palmeirense intitulado "O Índio", cuja primeira edição conta-se nos idos de 1921.

Retornamos e adentramos a atual Rua Fernandes Lima, a rua famosa e tão frequentada por Valério, antiga Rua dos Italianos, afinal era nela que se encontrava a pousada onde a personagem residia. Trata-se do único trecho de calçadão da cidade de Palmeira dos Índios e abriga o maior complexo de lojas: de móveis, de tecidos, de calçados etc.; uma Agência Bancária e a sede da OAB etc. Sobre ela muitas são as considerações de Valério, destaquemos algumas: "desci a Rua dos Italianos e estive olhando o jardim, a varanda do casarão. Senti um nó na garganta, engoli um soluço e dirigi-me à Rua de Baixo, como se fosse tratar de algum negócio urgente" (RAMOS, 1976, p. 179); "na calçada formou-se o cortejo, uma espantosa marcha fúnebre soou. Deixamos a Rua dos Italianos e seguimos em direção à pracinha. Defronte da usina elétrica, curiosos levantaram-se, tiraram o chapéu" (p. 203).

Seguimos para a Rua José e Maria Passos, antes denominada de Beco do Leite; uma rua muito estreita – um beco – que faz uma ligação entre a Praça do Açude, atravessando a Rua Floriano Peixoto e chegando a Rua Marechal Deodoro da Fonseca. Abriga, especialmente, uma rádio AM/FM, algumas lojas e predominância de residências. Depois atravessamos a então Praça do Açude e chegamos à atual Rua Pedro Soares da Mota, antiga Rua da Tripa, onde está a sede da Previdência Social e o Cemitério São Gonçalo, pois queríamos chegar à antiga Rua do Sovaco (foto 12, em anexo), citada por Valério: "passamos o açude, as casinholas que se encostam no morro do Sovaco, acercamo-nos do cemitério. Os condutores, fatigados, revezavam-se a cada instante" (p. 203).

Após tantas andanças terminávamos ali, por ora, a empreitada literário-memorialista; uma empreitada que buscou re-fazer os passos de Graciliano Ramos, em *Caetés*, pelas ruas de Palmeira dos Índios. Trabalhar as memórias dessa época, com os olhos atuais, significou não somente articular lembranças, pessoas, espaços, mas também resgatar e reescrever o caminho narrado por Graciliano Ramos.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Cosme Rogério Ferreira (org.). *Memorial fotográfico da Catedral de Palmeira dos Índios*. Palmeira dos Índios: Instituto Graciliano Ramos, 2006.

LEITE, Júlia Maria da Silva. *Palmeira dos Índios no Romance Caetés*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – UNEAL, Palmeira dos Índios-AL, 2007.

MOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. In: *Educação e Sociedade*, ano XXI, n. 71, p. 166- 193, jul. 2000.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-202, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 12. ed. Rio, São Paulo: Record/Martins, 1976.